



# Argumentação, Teoria da Argumentação na Língua e descrição semântico-argumentativa do discurso

# 10

Tânia Maris de Azevedo\*  
Ivanete Mileski\*\*

**Resumo:** Este artigo fundamenta-se na Teoria da Argumentação na Língua (TAL), criada inicialmente por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, e corroborada/reformulada por Oswald Ducrot e Marion Carel. A partir da TAL, Azevedo (2006a) criou um modelo para a descrição semântica do discurso, com base no qual se analisa um discurso publicado pela revista *Nova Escola*. Primeiramente, tecemos considerações sobre a argumentação, após, apresentamos uma breve explicação sobre *bloco semântico*, *encadeamento argumentativo* e *polifonia*, seguida da apresentação do modelo de Azevedo (2006a) e da análise semântico-argumentativa de um discurso. Essa análise possibilitou-nos comprovar, mais uma vez, a validade da TAL e a eficácia do modelo de Azevedo (2006a) para a descrição do sentido do discurso selecionado para este trabalho.

**Palavras-chave:** Argumentação. Bloco semântico. Encadeamento argumentativo. Polifonia.

**Resumen:** Este artículo está basado en la Teoría de la Argumentación en la Lengua (TAL), originalmente creada por Oswald Ducrot y Jean-Claude Anscombre, y reformulada por Oswald Ducrot y Marion Carel. A partir de la TAL, Azevedo (2006a) creó un modelo para la descripción semántica del discurso, con base en el cual se analiza un discurso publicado por la revista *Nova Escola*. En primer lugar, consideramos la argumentación, después, sigue una breve explicación del *bloque semántico*, de la *cadena argumentativa* y la *polifonía*, seguido por la presentación del modelo de Azevedo (2006a) y la análisis semântico-argumentativa de un discurso. Este análisis nos ha permitido demostrar, una vez más, la validez de la TAL y la eficacia del modelo de Azevedo (2006a) para describir el significado del discurso seleccionado para este trabajo.

**Palabras clave:** Argumentación. Bloque semántico. Cadena argumentativa. Polifonía.

\* Doutora, professora no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Caxias do Sul. *E-mail:* tmazeved@ucs.br.

\*\* Graduada em Letras e aluna do curso de Especialização em Leitura e Produção Textual, da Universidade de Caxias do Sul. *E-mail:* imileski@ucs.br.



## 1 Argumentação

O ato de argumentar tem sido apontado como fundamentalmente inerente às atividades sociais e de linguagem. Basta ler anúncios publicitários, artigos, reportagens, cartas do leitor ou qualquer outro gênero textual para perceber a importância que a argumentação assume na efetivação do discurso. Koch (2002, p. 17) afirma que, “como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor”. Tal constatação, da formação de juízos valorativos e de sua expressão via linguagem verbal, aponta para o que tem sido uma prática constante dos estudiosos da linguagem: investigar os modos de argumentar e os sentidos que, argumentativamente, ganham as palavras e os enunciados produzidos pelos usuários de determinada língua. Como afirma Azevedo (2000, p. 35), “ao invés de agir com o outro e com o mundo, o homem na verdade age sobre eles, tentando sempre influenciá-los, utilizando palavras e, por isso mesmo, imbricando nelas uma força muito mais argumentativa do que simplesmente informativa”.

Barbisan (2007, p. 114), em artigo que apresenta uma proposta para o ensino da argumentação, traz considerações sobre algumas das principais teorias existentes sobre o ato de argumentar e suas peculiaridades. Segundo a autora, mesmo com a diversidade de abordagens (da lógica, da retórica, da filosofia), em nenhuma das teorias revisadas “a linguagem é objeto de estudo, em nenhuma delas nota-se a preocupação de compreender como a linguagem funciona, qual é sua lógica interna, de que recursos ela dispõe para argumentar”.

Como uma forma de (re)pensar o ensino da argumentação, a autora expõe brevemente a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), criada inicialmente por Oswald Ducrot e Jean Claude Anscombre, e corroborada/reformulada por Oswald Ducrot e Marion Carel, sobre a qual se fundamenta a proposta deste artigo. Segundo a TAL, a argumentação está inscrita no próprio sistema linguístico, e a possibilidade de analisar semanticamente discursos a partir de ferramentas criadas por essa Teoria, segundo Barbisan (2007), pode revelar-se como mais uma alternativa entre várias outras.

Azevedo (2006a) compartilha da mesma opinião, e criou, a partir da TAL, o que ela chama de “máquina” capaz de descrever o sentido do discurso. O modelo construído por Azevedo, utilizado para analisar um discurso neste artigo, será melhor explicitado no decorrer do trabalho.



Ducrot (2009, p. 20) propõe-se a distinguir *argumentação linguística* de *argumentação retórica*: esta seria “a atividade verbal que visa fazer alguém crer em alguma coisa”, ao passo que a primeira diz respeito aos “segmentos de discurso constituídos pelo encadeamento de duas proposições A e C, ligadas implícita ou explicitamente por um conector do tipo de *donc* (*portanto*), *alors* (*então*), *par conséquent* (*consequentemente*)”. (p. 21). A diferença essencial entre as duas concepções de *argumentação* reside na abordagem, linguística ou não: Ducrot entende que a *argumentação retórica* precisa valer-se de uma série de outros mecanismos, ou da análise de tais mecanismos, que não são linguísticos, para se efetivar como argumentação que leva alguém a fazer algo (desenvolvimento de uma imagem positiva do locutor e do desejo do ouvinte de crer no orador). Já seu entendimento de que o próprio sistema linguístico é argumentativo toma por base o fato de que palavras e enunciados oferecem uma orientação argumentativa ao discurso. No exemplo: “tu diriges depressa demais, tu corres o risco de sofrer um acidente”, dado pelo autor (2009, p. 22), *depressa demais* e *acidente* possuem uma relação semântica atualizada pelo discurso, diferente da relação possível entre, por exemplo, *depressa demais* e *multa*. Como afirma Ducrot, “o próprio conteúdo do argumento só pode ser compreendido pelo fato de que conduz à conclusão”. (p. 22).

Ao longo deste estudo, explicitaremos noções como *bloco semântico*, *encadeamento argumentativo*, bem como a *concepção polifônica do sentido*, essenciais para o objetivo do artigo, cujo pressuposto de base é, assim como na TAL e no modelo de Azevedo (2006a), o de que a argumentação é inerente à língua.

## 2 Encadeamento argumentativo e bloco semântico

Conforme Azevedo (2006a, p. 119), a argumentação, na teoria de Ducrot, “se caracteriza pela interdependência de sentido dos segmentos argumento e conclusão<sup>1</sup> que compõem, justamente por essa interdependência, um *encadeamento argumentativo*”. Os encadeamentos

<sup>1</sup> Em obras mais recentes (DUCROT, 2008), esses segmentos são chamados, respectivamente, *supporte* e *apporte*, porém, para ser fiel ao modelo de Azevedo (2006a), manteremos, aqui, a terminologia usada pela autora.



podem assumir duas formas, ou dois aspectos: normativo ou transgressivo. Podem ser normativos, em DONC (DC), equivalente, em português, a *portanto*, ou transgressivos, em *Pourtant* (PT), equivalente a *no entanto*. Tais encadeamentos são realizações do que a TAL chama de “bloco semântico”, uma entidade semântica indecomponível, uma vez que atualizada como encadeamento argumentativo no enunciado/discurso.

O *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES, 2009, p. 50), apoia-se na fase atual da TAL, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), para assim conceituar *argumentação*: “operação semântico-discursiva em que o sentido de uma entidade linguística é construído a partir da interdependência entre os dois segmentos do encadeamento argumentativo”. *Encadeamento argumentativo*, por sua vez, conforme o mesmo dicionário (p. 97), é a “sequência de dois segmentos de discurso, com interdependência de sentido, ligados por um conector”. Assim, no discurso: “Paulo está sossegado, porque está em férias”, o encadeamento argumentativo em DONC pode ser assim descrito: *estar em férias DC estar sossegado*, gerando o bloco semântico *férias-sossego*. E é pela relação *férias-sossego* que as palavras adquirem sentido. Relação diferente ocorre no discurso: “Paulo está sossegado porque conseguiu um emprego”. O encadeamento ocorre em DONC, mas pode ser expresso por um encadeamento como *ter um emprego DC estar sossegado*, cujo bloco semântico é *emprego-sossego*. Assim, o sentido de *sossegado*, no discurso, só pode ser verificado mediante a relação que estabelece com *emprego*. O exemplo corrobora a afirmação dos teóricos da TAL, para quem “as relações entre signos que estão na base de todo significado, e que são os átomos da significação, são o que chamamos de ‘encadeamentos argumentativos’ ou ainda ‘argumentações’”. (DUCROT; CAREL, 2008, p. 9).

De acordo com Azevedo (2006a), os encadeamentos se efetivam em nível de enunciado/discurso, ou seja, são manifestações concretas do nível da *fala* saussureana, ao passo que o *bloco semântico* é deduzido/ abstraído a partir do encadeamento e, portanto, é uma entidade abstrata, no nível da *língua*, como Saussure a entende.

### 3 Concepção polifônica do sentido

Conforme o *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES, 2009, p. 188), a *polifonia* é o “fenômeno que possibilita ao locutor apresentar diferentes pontos de vista em um determinado enunciado”. Assim, de



acordo com a TAL, o sentido de um enunciado ocorre por meio da confrontação de diferentes vozes, manifestadas pelos enunciadores que aparecem nele. Os enunciadores são pontos de vista que o locutor atualiza, põe em cena, em determinado enunciado/discurso. A atitude do locutor frente aos enunciadores que atualiza pode ser as de *aceitar*, *rejeitar* ou *assumir*. Em um enunciado (E) como *Ele não veio*, é possível perceber a atualização de dois enunciadores: E<sub>1</sub>: *Ele veio*, e E<sub>2</sub>: *Ele não veio*. Nesse enunciado, o locutor (L) de (E) *rejeita* E<sub>1</sub> e *assume* E<sub>2</sub>.

A concepção de *polifonia* na TAL aparece como uma ampliação da concepção de *polifonia* criada por Bakhtin, para quem, em determinados textos literários, fazem-se ouvir diferentes vozes. Ducrot (1987) reformula essa concepção, contestando a crença da unicidade do sujeito falante, ao dizer que também em enunciados, não apenas em discursos (unidades complexas), o locutor põe em cena diferentes enunciadores, tomando atitudes frente a eles. Para Ducrot (1987, p. 193), “o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes”. Como se poderá perceber a partir da descrição do modelo de Azevedo (2006a) e pela análise do discurso selecionado, a descrição dos enunciadores assumidos pelo locutor no discurso pode configurar o sentido do discurso.

#### 4 Modelo para a descrição semântico-argumentativa criado por Azevedo

Ao criar um modelo para a descrição semântica do discurso, Azevedo (2006a) vale-se de conceitos teóricos desenvolvidos pela *Teoria da Argumentação na Língua* como hipóteses externas.<sup>2</sup> A seguir, passamos a apresentar as hipóteses externas (HE) do modelo de Azevedo, que fundamentam as hipóteses internas (HI) para a descrição semântica do discurso.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Ducrot (apud Azevedo, 2006a) distingue *hipóteses internas* de *hipóteses externas*. Estas dizem respeito ao conhecimento teórico do cientista, baseado no qual ele realiza suas observações e delimita seu objeto de estudo. Em se tratando do modelo de Azevedo (2006a), portanto, as hipóteses externas se efetivam pela base teórica oferecida pela TAL. As *hipóteses internas*, segundo o mesmo autor, são os mecanismos (ou a *máquina* propriamente dita) criados para explicar o funcionamento do fenômeno observado. Elas implicam as hipóteses externas ou, em outras palavras, por serem construídas com base nas hipóteses externas, ao aceitar uma hipótese interna, há que, necessariamente, aceitar-se a hipótese externa que possibilitou sua formulação.

<sup>3</sup> Todas as hipóteses e sub-hipóteses foram transcritas neste trabalho exatamente como se encontram na obra de Azevedo (2006a).



**HE1: a argumentação está na língua.**

Azevedo (2006a, p. 131) explica que é possível descrever a significação das entidades que compõem o sistema linguístico apenas a partir das relações argumentativas que tais entidades mantêm entre si. Em outras palavras, para os teóricos da TAL, só se chega ao sentido de enunciados e discursos por meio da verificação e análise da argumentatividade que os termos atualizados na enunciação (palavras, frases) mantêm uns com os outros; palavras e enunciados só adquirem valor/sentido na relação argumentativa que o falante estabelece na enunciação.

**HE2: a significação de uma entidade lingüística abstrata pode ser descrita pela relação entre dois conceitos, que formam um bloco semântico, unitário e indivisível.**

A segunda hipótese externa apresentada por Azevedo (2006a, p. 132) refere-se à validade do conceito de *bloco semântico*. Para a autora, “é por meio desta entidade abstrata [o bloco semântico] que se pode descrever o sentido das entidades concretas de uma língua (o *enunciado* e o *discurso*)”. Tanto o encadeamento normativo quanto o transgressivo contêm o mesmo bloco semântico, embora sejam realizações diferentes dessa mesma entidade.

**HE3: o valor semântico de uma entidade lingüística abstrata (sua significação) deverá ser descrito a partir do valor semântico (do sentido) de pelo menos uma das entidades lingüísticas concretas que a realizam.**

Para a terceira hipótese externa, essa estudiosa (p. 133) aponta duas sub-hipóteses:

*HE3.1: a significação de uma entidade abstrata, seja ela de nível elementar ou complexo, corresponde às possibilidades de formação de blocos semânticos que essa entidade é capaz de gerar*

e

*E3.2: o sentido de uma entidade concreta, de nível elementar ou complexo, equivale aos encadeamentos argumentativos por ela realizados desde os blocos semânticos inscritos/previstos no sistema lingüístico.*



O que se pode apontar com relação às sub-hipóteses que, na verdade, ampliam e explicam a HE3, é o fundamento ducrotiano de que apenas a partir do sentido obtido no uso concreto do sistema linguístico, da fala, se chega ao significado em termos de língua. Como expõe Azevedo (2006a, p. 134), “em termos saussurianos, é pela *fala* que se chega a descrever a *língua*”.

Apresentaremos e descreveremos, a seguir, as hipóteses internas que constituem o modelo de descrição semântica do discurso proposto por Azevedo (2006a).

**HI1: a Teoria da Argumentação na Língua (TAL) fornece mecanismos para a descrição de entidades lingüísticas complexas como o texto e o discurso.**

Azevedo (2006a, p. 134-140) aponta como ferramentas para a possível descrição do valor semântico do texto e do discurso os conceitos de *encadeamento argumentativo/bloco semântico* e a *concepção polifônica de sentido*. Tais conceitos foram descritos anteriormente e serão retomados na análise do *corpus*.

**HI2: o valor semântico do texto, enquanto entidade abstrata subjacente aos discursos produzidos, pode ser descrito em termos de bloco, a partir do valor semântico dos discursos que realizam o texto, isto é, desde os encadeamentos argumentativos que atualizam os blocos semânticos previstos no sistema lingüístico.**

Nessa segunda hipótese, Azevedo (2006a, p. 140-144) amplia a explicação oferecida pela primeira. Como propõe que se trabalhe com as ferramentas *encadeamento argumentativo/bloco semântico*, criadas pela TAL, entende que será a partir da descrição do valor semântico dos encadeamentos argumentativos atualizados no discurso que se chegará ao bloco semântico, logo, a partir do sentido do discurso, chega-se à significação do texto.

**HI3: o texto é um bloco semântico – como tal, inscrito no sistema lingüístico – realizado pelo encadeamento argumentativo complexo que é o discurso.**

Nessa hipótese, a autora (2006a, p. 144-149) expande o conceito de *texto* proposto pela TAL, apresentando-o como uma unidade de



sentido indecomponível – um bloco semântico. A terceira hipótese interna é explicitada por meio de outras duas sub-hipóteses, apresentadas a seguir.

*HI3.1: o discurso, como encadeamento argumentativo complexo, é composto de subencadeamentos, estes igualmente argumentativos, já que compreendidos como a inter-relação semântica de um segmento-argumento e um segmento-conclusão.*

Nessa sub-hipótese, a autora esclarece o que pensa ser o motivo pelo qual o texto e o discurso são apontados pela TAL como produções de nível complexo. Na visão dela, “a complexidade atribuída por Ducrot às entidades lingüísticas como o *texto* e o *discurso* deve-se justamente a essa intrincada rede de relações que formam semanticamente tais entidades”. (2006, p. 146, grifos da autora).

*HI3.2: o encadeamento argumentativo que expressa o sentido global do discurso expressa igualmente o ponto de vista (o enunciador) assumido pelo locutor desse discurso.*

Para Azevedo (2006a, p. 146-149) dá conta de que, mediante a análise polifônica do discurso, chega-se ao encadeamento argumentativo que o efetiva e ao ponto de vista assumido pelo locutor desse discurso. Como a autora havia proposto na primeira hipótese interna, além do par de conceitos *bloco semântico/encadeamento argumentativo*, a análise polifônica do discurso também pode auxiliar na descrição semântica do discurso/texto.

**HI4: a segmentação do discurso em subencadeamentos é feita com base na condição de que os subencadeamentos assim se configurem por contribuírem para a constituição e a conseqüente interconexão dos segmentos argumento e conclusão os quais formam o encadeamento argumentativo complexo que expressa o sentido global do discurso.**

A quarta e última hipótese desse modelo (p. 149-151) prevê que, para poder chamar um enunciado/uma palavra de *subencadeamento*, será necessário analisá-lo(a) em relação ao encadeamento global, ou seja, a segmentação dos subencadeamentos será feita mediante a verificação do encadeamento argumentativo global e da função que exercem em relação a este. Azevedo (2006, p. 150) entende que “o subencadeamento só de define por oposição ao encadeamento global, só se constitui na medida



em que é capaz de contribuir para a configuração dos segmentos argumento e/ou conclusão do encadeamento maior”.

Nota-se o esforço da autora no sentido de tornar sistemática e completa em si mesma sua “máquina” para a descrição semântica das unidades complexas de um sistema linguístico. Completa, porque fundamenta suas hipóteses externas em pressupostos largamente desenvolvidos pela TAL, de maneira que as ferramentas inseridas como fundamentais (bloco semântico/encadeamento argumentativo e concepção polifônica da língua) funcionem na descrição semântica das unidades linguísticas complexas; e sistemática, porque só é possível aceitar qualquer uma das hipóteses criadas na medida em que se aceitam as demais, pois cada uma delas complementa e influencia as outras.

## 5 Descrição semântico-argumentativa de um discurso

Com o objetivo de mostrar como a argumentação está inscrita na língua, e também como uma forma de aplicar o modelo proposto por Azevedo (2006a) para a descrição semântica do discurso<sup>4</sup>, passaremos a analisar agora um discurso publicado pela revista *Nova Escola*, na seção *Assim não dá!* (v. 25, n. 233, p. 28, jun. 2010). Em geral, os temas tratados nesse espaço são assuntos polêmicos do cotidiano escolar, sobre os quais a revista apresenta seu posicionamento.

Seja o discurso D:

### *Deixar o papel higiênico longe dos banheiros*

*A prática, adotada em algumas escolas para coibir o desperdício e as traquinagens das crianças, pode constrangê-las. Afinal, há que se expor em público para pedir o papel na secretaria, na diretoria, ou diretamente à professora. A atitude, que visa evitar a indisciplina, não contribui para a aprendizagem proporcionada pelos problemas do cotidiano escolar e poderia ser conduzida de forma a propiciar aos alunos uma reflexão sobre o problema.*

<sup>4</sup> Convém lembrar que o modelo já passou por testes, mediante a análise de diferentes gêneros discursivos, como a que pode ser encontrada no artigo “Semântica argumentativa: esboço de uma descrição do sentido do discurso”, de Azevedo (2006b).



Com base na hipótese interna 3.2 (HI3.2: o encadeamento argumentativo que expressa o sentido global do discurso expressa igualmente o ponto de vista (o enunciador) assumido pelo locutor desse discurso), o discurso D será segmentado para que possa ser feita a análise polifônica.

No enunciado (1), tem-se:

(1) *A prática, adotada em algumas escolas para coibir o desperdício e as traquinagens das crianças, pode constrangê-las.*

O locutor (L) de (1) atualiza os seguintes enunciadores:

E<sub>1</sub>: deixar o papel higiênico longe dos banheiros é uma prática

E<sub>2</sub>: algumas escolas deixam o papel higiênico longe dos banheiros

E<sub>3</sub>: as crianças desperdiçam papel higiênico

E<sub>4</sub>: as crianças fazem traquinagens com papel higiênico

E<sub>5</sub>: deixar o papel higiênico longe dos banheiros coíbe o desperdício e as traquinagens das crianças

E<sub>6</sub>: crianças podem ficar constrangidas

E<sub>7</sub>: deixar o papel higiênico longe dos banheiros pode constranger as crianças

A posição de L no enunciado (1) é a de aceitar E<sub>1</sub>, E<sub>2</sub>, E<sub>3</sub>, E<sub>4</sub>, E<sub>5</sub> e E<sub>6</sub> e assumir E<sub>7</sub>. Assim, o encadeamento argumentativo que expressa a posição do locutor em (1) pode ser expresso por *papel higiênico longe dos banheiros DC constrangimento das crianças*.

Seja, agora, o enunciado (2):

(2) *Afinal, há que se expor em público para pedir o papel na secretaria, na diretoria, ou diretamente à professora.*

Nesse enunciado, L atualiza os enunciadores:

E<sub>8</sub>: é possível pedir o papel

E<sub>9</sub>: é possível pedir o papel na secretaria

E<sub>10</sub>: é possível pedir o papel na diretoria

E<sub>11</sub>: é possível pedir o papel diretamente à professora

E<sub>12</sub>: pedir papel é se expor em público

E<sub>13</sub>: pedir papel na secretaria, na diretoria ou diretamente à professora é se expor em público



Com relação à atitude de L frente aos enunciadores que atualiza, pode-se afirmar que aceita  $E_8$ ,  $E_9$ ,  $E_{10}$ ,  $E_{11}$  e  $E_{12}$ , e assume  $E_{13}$ . Assim, o encadeamento argumentativo que expressa a posição de L em (2) pode ser textualizado como *pedir papel DC expor-se*.

Passemos à análise polifônica do enunciado (3):

(3) *A atitude, que visa evitar a indisciplina, não contribui para a aprendizagem proporcionada pelos problemas do cotidiano escolar e poderia ser conduzida de forma a propiciar aos alunos uma reflexão sobre o problema.*

Em (3) o locutor põe em cena os seguintes enunciadores:

$E_{14}$ : deixar o papel higiênico longe dos banheiros é uma atitude

$E_{15}$ : existe indisciplina

$E_{16}$ : evita-se a indisciplina

$E_{17}$ : evita-se a indisciplina com atitudes

$E_{18}$ : deixar o papel higiênico longe dos banheiros tem um objetivo

$E_{19}$ : deixar o papel higiênico longe dos banheiros visa a evitar a indisciplina

$E_{20}$ : existem problemas no cotidiano escolar

$E_{21}$ : problemas do cotidiano escolar proporcionam aprendizagem

$E_{22}$ : os alunos podem refletir sobre o problema

$E_{23}$ : deixar o papel higiênico longe dos banheiros não é uma forma de propiciar aos alunos uma reflexão sobre o problema

$E_{24}$ : deixar o papel higiênico longe dos banheiros contribui para a aprendizagem proporcionada pelos problemas do cotidiano escolar

$E_{25}$ : deixar o papel higiênico longe dos banheiros não contribui para a aprendizagem proporcionada pelos problemas do cotidiano escolar

Em (3), L aceita  $E_{14}$ ,  $E_{15}$ ,  $E_{16}$ ,  $E_{17}$ ,  $E_{18}$ ,  $E_{19}$ ,  $E_{20}$ ,  $E_{21}$ ,  $E_{22}$  e  $E_{23}$ , rejeita  $E_{24}$  e assume  $E_{25}$ . Assim, o encadeamento argumentativo que manifesta a posição de L em (3) é *deixar o papel higiênico longe dos banheiros DC neg-aprendizagem a partir dos problemas do cotidiano escolar*.

É possível perceber que a análise polifônica dos enunciados que compõem D permite que se chegue à posição assumida pelo locutor em cada enunciado e aos encadeamentos argumentativos existentes. Vamos



agora testar a HI3.1 (HI3.1: o discurso, como encadeamento argumentativo complexo, é composto de subencadeamentos, estes igualmente argumentativos, já que compreendidos como a inter-relação semântica de um segmento-argumento e um segmento-conclusão), a fim de verificar se os encadeamentos atualizados por D podem constituir também subencadeamentos (SE) do encadeamento argumentativo global (EAG) de D.

Retomemos os encadeamentos argumentativos que compõem o sentido dos enunciados (1), (2) e (3):

EA<sub>1</sub>: *papel higiênico longe dos banheiros DC constrangimento das crianças*

EA<sub>2</sub>: *pedir papel DC expor-se*

EA<sub>3</sub>: *deixar o papel higiênico longe dos banheiros DC neg-aprendizagem a partir dos problemas do cotidiano escolar*

O EA<sub>1</sub> atualiza, no nível do discurso, o bloco semântico *ausência de papel-constrangimento*, sob o aspecto normativo. Assim, tal bloco poderia atualizar um enunciado como: *se não há papel nos banheiros, haverá constrangimento*.

EA<sub>2</sub> relaciona, também sob o aspecto normativo, os conceitos de *pedido* e *exposição*, formando o bloco semântico *pedido-exposição*, que poderia ser realizado por um enunciado do tipo de: *quando há pedido, há exposição*.

Por fim, o EA<sub>3</sub> relaciona, mais uma vez sob o aspecto normativo, *ausência de papel* e *ausência de aprendizagem*, que formam o bloco semântico *ausência de papel-ausência de aprendizagem*, cuja atualização poderia ser um enunciado como: *se não há papel, não há aprendizagem*.

Tendo em vista que D é um discurso (logo, uma entidade de nível complexo, cujos enunciados realizam encadeamentos argumentativos), convém, então, analisar a possibilidade de os encadeamentos constituírem subencadeamentos. Pela descrição, percebe-se que D constitui-se a partir de dois subencadeamentos: SE<sub>1</sub> e SE<sub>2</sub>.

Como apresentado anteriormente, o sentido do enunciado (1) constitui-se na relação entre os conceitos *ausência de papel* e *constrangimento*, sob o aspecto normativo. No enunciado (2), L põe em relação os conceitos de *pedido* e *exposição*. Se assim for, podemos dizer que EA<sub>1</sub> e EA<sub>2</sub> compõem o subencadeamento SE<sub>1</sub> de D, que se realiza



pelo aspecto normativo entre *ausência de papel* DC *pedido* DC *exposição*, cujo enunciado correspondente poderia ser: *se há ausência de papel, haverá pedido e, portanto, exposição*. Vale lembrar que *constrangimento*, que é o elemento conclusivo em  $EA_1$ , aproxima-se semanticamente de *exposição*, que compõe o segmento conclusão de  $EA_2$ . Ressaltamos, ainda, o uso da palavra *afinal*, que a gramática normativa chama de “conjunção” e que a Semântica Argumentativa denomina “articulador”<sup>5</sup>, em (2); tal vocábulo reforça a relação semântica que constitui  $SE_1$ , algo como *há constrangimento, porque há exposição*. Como afirma a linguista (2006b, p. 147-148), o *subencadeamento* não provém da soma dos encadeamentos dos enunciados, mas da relação argumentativa que se estabelece entre eles. Assim, tendo em vista a relação em *donc* que se verifica entre  $EA_1$  e  $EA_2$ , pode-se propor a seguinte forma para  $SE_1$ : *ausência de papel* DC *exposição*, que poderia ser realizado por um enunciado como: *se não há papel, haverá exposição*.

Já para  $SE_2$ , diremos que se constitui pela relação argumentativa entre  $EA_2$  e  $EA_3$ .  $EA_2$  relaciona os conceitos de *pedido* e *exposição*, ao passo que  $EA_3$  relaciona *ausência de papel* à *ausência de aprendizagem*. Assim, a relação argumentativa dos dois encadeamentos constitui-se sob o aspecto normativo: *exposição* DC *ausência de aprendizagem*, que pode ser atualizado por um enunciado como *a exposição* (gerada pelo pedido em decorrência da ausência de papel) *não proporciona aprendizagem*.

Uma vez analisada a constituição dos subencadeamentos de D, com base no conteúdo da HI4 (*HI4: a segmentação do discurso em subencadeamentos é feita com base na condição de que os subencadeamentos assim se configurem por contribuírem para a constituição e a conseqüente interconexão dos segmentos argumento e conclusão os quais formam o encadeamento argumentativo complexo que expressa o sentido global do discurso*), e, para que se possa descrever o EAG de D, analisamos a relação de  $SE_1$  e  $SE_2$ .

Se  $SE_1$  relaciona normativamente *ausência de papel* e *exposição*, e  $SE_2$ , *exposição* e *ausência de aprendizagem*, em que *exposição* (segmento-conclusão de  $SE_1$ , é o segmento-argumento de  $SE_2$ ) decorre da *ausência*

<sup>5</sup> Uma vez que põe em relação dois enunciados, e não mais dois segmentos de um mesmo enunciado, como é o caso do *conector*.



de papel e caracteriza a ausência de aprendizagem, então é possível afirmar que o EAG de D seja *ausência de papel DC ausência de aprendizagem*, no qual o segmento-argumento de SE<sub>1</sub> encadeia-se sob o aspecto normativo ao segmento-conclusão de SE<sub>2</sub>.

Cabe salientar que o enunciador E<sub>25</sub> (E<sub>25</sub>: Deixar o papel higiênico longe dos banheiros não contribui para a aprendizagem proporcionada pelos problemas do cotidiano escolar), assumido por L em (3) e que dá origem ao EA<sub>3</sub> (EA<sub>3</sub>: *deixar o papel higiênico longe dos banheiros DC neg-aprendizagem a partir dos problemas do cotidiano escolar*) expressa o EAG de D (EAG: *ausência de papel DC ausência de aprendizagem*), como prevê a hipótese interna 3.2 (HI3.2: *o encadeamento argumentativo que expressa o sentido global do discurso expressa igualmente o ponto de vista (o enunciador) assumido pelo locutor desse discurso*).

É preciso discorrer também acerca da comprovação da HI3, que diz respeito ao entendimento do texto como um bloco semântico, afinal, a descrição do EAG de D coloca D em tal patamar, como unidade semântica indecomponível. Destacamos, também, a confirmação de HI3.1, no que concerne ao entendimento do discurso como um encadeamento argumentativo e à existência de subencadeamentos em tal unidade de sentido.

Uma vez possível a realização da análise do discurso D, resta dizer que também HI1 e HI2 ficam confirmadas, afinal, a segmentação de D foi realizada, fez-se a análise polifônica, a identificação dos encadeamentos argumentativos e dos respectivos blocos semânticos, o que corresponde ao proposto por Azevedo (2006a, p. 134), na primeira HI do modelo, “a Teoria da Argumentação na Língua (TAL) fornece mecanismos para a descrição de entidades linguísticas complexas como o texto e o discurso”.

## Considerações finais

Como já afirmamos anteriormente, o modelo de Azevedo (2006a) já foi testado e comprovado por outros trabalhos anteriores a este, incluindo a pesquisa *Discurso didático: testagem de um modelo para a descrição do sentido pela Semântica Argumentativa*<sup>6</sup>. Assim, talvez o

<sup>6</sup> Pesquisa coordenada pela professora Tânia Maris de Azevedo, com apoio financeiro do CNPq, e concluída em agosto de 2009.



conteúdo deste trabalho não traga novidades aos conhecedores da TAL e do modelo de Azevedo (2006a). No entanto, a realização deste estudo, além de se constituir em mais uma verificação da aplicabilidade do referido modelo, é uma outra possibilidade de divulgação de uma proposta que, em muito, pode contribuir para o ensino de língua, quer em termos de leitura, quer no que tange à produção discursiva.

Pela análise realizada, foi possível entender claramente a complexidade do discurso, a riqueza da linguagem, e essa forma de olhar e examinar discursos poderá contribuir para o ensino, especialmente no que se refere ao entendimento da argumentação como algo inerente à língua.

Se, como disse sabiamente Leonardo Da Vinci “a prática sem a teoria é como uma nau sem rumo”, então, espera-se que este trabalho, mesmo que não tenha por objetivo elaborar uma proposta para o ensino de língua e tenha se restringido à aplicação do modelo de Azevedo (2006a), seja mais um a contribuir para a validação dos estudos sobre a TAL e para uma concepção pertinente de *língua*, essencial para o ensino de qualquer língua materna ou estrangeira.



## Referências

---

AZEVEDO, Tânia Maris de. *Argumentação, conceito e texto didático: uma relação possível*. Caxias do Sul: Educs, 2000.

\_\_\_\_\_. *Em busca do sentido do discurso: a semântica argumentativa como uma possibilidade para a descrição do sentido do discurso*. Caxias do Sul: Educs, 2006a.

\_\_\_\_\_. Semântica argumentativa: esboço de uma descrição do sentido do discurso. *Cadernos de Pesquisas em Linguística*, Porto Alegre: PUCRS, v. 2, p. 135-150, 2006b.

BARBISAN, Leci Borges. Uma proposta para o ensino da argumentação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, jun. 2007.

DEIXAR o papel higiênico longe dos banheiros. *Nova Escola*, Assim não dá! São Paulo, v. 25, n. 233, p. 28, jun. 2010.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. Argumentação linguística e argumentação retórica. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, jan./mar. 2009.

\_\_\_\_\_; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, jan./mar. 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore G. Vilaça. *Argumentação e linguagem*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.